

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL ESPECIALIZADO PARA O ENSINO DE
MÚSICA DE ALUNOS INCLUSIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ROGÉRIO HONÓRIO DUARTE

RIO DE JANEIRO
2018

Rogério Honório Duarte

A Importância do Profissional Especializado para o Ensino de Música de Alunos
Inclusivos: Um Relato de Experiência

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Villa-Lobos do
Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Música sob a orientação da
Professora Ms. Débora Ferreira Santos
Braga.

Rio de Janeiro, 2018.

Dedico este trabalho às três pérolas que me ensinaram o que realmente significa ser docente, me tirando do meu próprio autismo abissal!

AGRADECIMENTOS

É de extrema dificuldade se pensar em agradecer quando tudo à sua volta corrobora para o seu crescimento e merece destaque e reconhecimento, seja pelo fato da Criação Divina através do dom da existência, seja pela mentoria dos progenitores, família, amigos ou principalmente pelos anjos que iluminam a caminhada de todo e qualquer profissional: os professores. Digo isto porque se eles não fossem o que são nós não seríamos o que hoje somos. Decerto somos nós sucesso das escolhas feitas por tais profissionais.

Todos nós passamos pelas mãos de professores, sejam médicos, sejam garís; sejam presidentes ou reis, sejam pedreiros ou faxineiras; todos nós temos a mão de um professor sobre nossas vidas. Além de estes agradecimentos serem direcionados aos citados acima, sem exceção, Qual a importância dos professores sem os alunos? De que vale uma escola sem os alunos? De que vale toda uma vida acadêmica sem os alunos? Esse amor e carinho pela docência só é possível porque temos um foco, um lugar de descanso desse amor e carinho: os alunos.

Pois é com toda essa explosão de sentimentos e reconhecimentos que dedico este trabalho às três pérolas que me fizeram refletir, crescer, ser um profissional melhor e uma pessoa melhor. Três crianças, três alunos, três jóias raras. Autistas?, sim!; porém quando nos deparamos com elas, percebemos que os autistas somos nós, pobres egoístas a viver num mundo paralelo. A nos preocuparmos com o “eu” e esquecermo-nos do outro. Aliás, o outro pode ser um reflexo de mim mesmo. Certamente ao entender o outro, estarei compreendendo a mim mesmo melhor.

Melhor do que ler livros é ler pessoas. Então, com base nisto, deixo aqui registrada minha eterna gratidão a estes três alunos especiais (em todos os sentidos) que de fato foram meus professores e me ensinaram não só musicalmente falando, mas me deram uma aula de vida. Algo que conservatório nenhum dará aos seus formandos. *Auf Wiedersehen¹!!!*

¹ Expressão em alemão que significa tanto “Adeus” quanto “Até mais ver”, “Até logo” e suas derivações.

“Mas, quando pulo, é como se meus sentimentos rumassem em direção ao céu. Na verdade, minha necessidade de ser engolido pela imensidão lá em cima é suficiente para estremecer meu coração. Quando estou pulando, posso sentir melhor as partes do meu corpo — as pernas saltando, as mãos batendo —, e isso me faz muito, muito bem.”

Naoki Higashida

DUARTE, Rogério Honório. *A Importância do Profissional Especializado para o Ensino de Música de Alunos Inclusivos: Um Relato de Experiência*. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos/UNIRIO, 2018. TCC (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente estudo, de caráter qualitativo, sendo ele um relato de experiência, está desenvolvido com base em experiências vividas em um estágio curricular em Música na Escola Alemã Corcovado, localizada em Botafogo, Rio de Janeiro - RJ. Os principais objetivos deste trabalho são conhecer o objetivo da mediação em música; incitar temas que podem melhorar o relacionamento em sala de aula e os desenvolvimentos musicais e pessoais de alunos com necessidades educacionais especiais. Com base em toda a pesquisa, o objetivo de se reconhecer a importância de um profissional especializado em música e inclusão para a mediação das aulas de música, principalmente com alunos autistas, se torna o assunto mais latente. Desenvolvido em três partes, o trabalho fala sobre a Escola em que aconteceu a experiência, sobre temas que baseiam as experiências vividas pelo pesquisador em relação aos alunos com necessidades especiais e sobre os comentários dos profissionais de mediação da escola em relação aos alunos com Transtorno do Espectro Autista em relação aos comportamentos anteriores, durante e posteriores a presença de um profissional especializado em música para se trabalhar educação musical aos olhos da inclusão. Além de contar com um questionário elaborado para os mediadores da escola em questão, contamos com teóricos que nos dão suporte para temas importantes; alguns deles são Davis e Oliveira (2010), Cichocki (2017), Mousinho et al (2010), Corrêa (2011), entre outros.

Palavras-chave: Inclusão, Mediação, Afetividade, Autismo, Música, Escola Alemã Corcovado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – ESCOLA E AUTISMO	10
1.1 - A Escola Alemã Corcovado	11
1.2 - A Filosofia	12
1.3 - A Educação Musical Segundo Helle Tirler.....	14
1.4 - O Autismo na Escola Alemã Corcovado	15
CAPÍTULO II – AS TEORIAS E AS EXPERIÊNCIAS	18
2.1 - Afetividade	18
2.2 - Mediação	21
2.3 - Interação Professor-Aluno	25
2.4 - Ambiente Musical	27
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
3.1 - O Formulário	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	42

INTRODUÇÃO

No final de 2016, após cursar uma importante disciplina na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), fui convidado por uma ex-professora a ser estagiário de música em uma escola em que ela trabalhava (Escola Alemã Corcovado). Segundo esta professora, os mediadores da escola estavam solicitando com certa urgência à equipe pedagógica a presença de um profissional da educação musical para poder auxiliar nas aulas de música com os alunos com necessidades educacionais especiais, visto que estes mediadores não conseguiam acompanhar as aulas de música ou aproveitar as dinâmicas propostas, uma vez que não possuíam os conhecimentos prévios para tal.

Após aceitar a vaga, ao longo do tempo, desenvolvendo trabalhos específicos com cada aluno, pudemos todos perceber os avanços musicais, pessoais, afetivos e cognitivos destes alunos. A música, trabalhada em sua mais terna forma, ludicamente e visando a inclusão, foi um marco no desenvolvimento dos alunos autistas, ganho proporcionado pela presença de um mediador da educação musical.

Tudo isto foi impulsionado pelo fato (corriqueiro) de o professor receber uma turma para se trabalhar ao longo do ano letivo e ainda alguns deles com necessidades educacionais especiais. Como dar a devida atenção a todos eles sem a correta adequação e os auxílios necessários? Como trabalhar com qualidade? Parece fácil a resposta se pensamos que há a disponibilidade dos chamados “mediadores”, profissionais estes que acompanham os alunos de inclusão, atuando como facilitadores do processo ensino-aprendizagem. No entanto, chega-se a um impasse: como um mediador atuará de fato em uma disciplina que não é de seu conhecimento? Como, pois, as habilidades musicais de um aluno de inclusão serão desenvolvidas se o profissional que atua como ponte entre o professor, os saberes e o aluno não detém deste conhecimento técnico, até mesmo para poder auxiliar o professor? Esta é a grande questão que trataremos aqui, visto que “a escola é a instituição social que se apresenta como responsável, pela

educação sistemática das crianças, jovens e até mesmo de adultos” (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 28).

Utilizando conceitos e experiências, embasaremos aqui com teóricos do meio acadêmico o discurso da necessidade da existência de um profissional (músico) qualificado na área inclusiva, visto que poderá este estimular muito mais a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno com sua dedicação.

Este trabalho acadêmico surgiu da necessidade de se refletir e fazer uma avaliação sobre todo o processo de estágio nesta escola e dos trabalhos desenvolvidos, principalmente dos avanços significativos dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, reconhecendo e defendendo assim a existência deste profissional formado em Música com conhecimentos da área de Inclusão para a atuação como mediador do conhecimento.

Tratando sobre o tema Inclusão e Mediação em Música por meio do Afeto, este trabalho acadêmico trará uma iniciativa que ajudou a derrubar a segregação a qual a sociedade quotidianamente observa, criando mais do que uma expectativa: a certeza de que estes alunos podem ser musicalizados e, de igual forma, tocar instrumentos musicais, uma vez que o espaço e as pessoas ao redor estão preparados para abraçar, acolher e impulsionar tais alunos com necessidades especiais.

Este trabalho descritivo vem com uma abordagem qualitativa a analisar experiências relatadas à luz de teóricos e conceitos, contando também com questionários como fonte de opiniões externas à do pesquisador.

CAPÍTULO I: ESCOLA E AUTISMO

Muito se fala em inclusão nos dias em que vivemos, sejam em âmbito escolar ou nas demais esferas da sociedade. Tendo em vista a diferença de termos que são constantemente confundidos (integração e inclusão), achamos válido esclarecer que tais palavras, muito embora pareçam similares, carregam em si grande diferença em sua essência. Em se tratando de Transtorno do Espectro Autista (TEA), esta diferença vocifera em todas as direções.

O ato de integrar pressupõe a incorporação de um indivíduo ou grupo em uma comunidade, em um meio, ou seja, cabe ao indivíduo a ser integrado se adaptar àquele contexto em que foi integrado. Por outro lado, o ato de incluir pressupõe incorporação em absoluto destes indivíduos que estavam fora, inclusive aqueles com necessidades especiais ou específicas, ou seja, o ambiente ou lugar ao qual ele será incluído estará preparado para que dele possa fazer parte, e assim, ter um melhor desenvolvimento e exploração de suas capacidades. Este meio diz respeito não só à preparação da infra-estrutura, mas também à preparação das pessoas e capacitação dos que estarão recebendo estes indivíduos com necessidades especiais. Sendo assim:

Inclusão, portanto, não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário a sua ação pedagógica (BRASIL *apud* CORRÊA, 2010, p. 80).

Cabe a nós, agora, após esta explicação dos termos anteriormente citados, passarmos ao entendimento do conceito “autismo”. Segundo a OPAS/OMS Brasil (2017, folha informativa), o Transtorno do Espectro Autista diz respeito a várias condições que têm como características o comportamento social comprometido em algum grau, a comunicação e também a linguagem, além de manter estreitos interesses em atividades que para o indivíduo são únicas e realizadas de forma repetitiva.

O desafio da inclusão é justamente o de incluir estes alunos que, muitas vezes não oralizados, não conseguem se manifestar sobre suas não-compreensões ou insatisfações. Partindo deste pressuposto, as propostas de educação continuada e capacitação para professores e outros colaboradores são a essência de um ensino de qualidade.

Como a música atualmente faz parte do currículo escolar, há necessidade de que os professores de educação musical sejam qualificados em sua área da mesma forma como um professor de português ou de matemática se especializa em seu campo de conhecimento.

1.1 - A Escola Alemã Corcovado

Escola em que se deu a experiência de mediação musical para alunos de inclusão, tendo como maior enfoque os alunos autistas, é situada na Rua São Clemente, 338 - Botafogo, no município do Rio de Janeiro. É uma das escolas mais reconhecidas da rede privada, além de ser referência entre as escolas alemãs no exterior. Foi fundada em 1965 por Helle Tirler, enfermeira que viera ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial (a Alemanha estava se reerguendo), instalando-se na então capital do Brasil e ficara insatisfeita com a qualidade de ensino no Rio de Janeiro (visto que seus filhos cresciam e, como mãe, se preocupava com o futuro escolar de ambos). Após participar de um curso de formação de professores ministrado por uma vizinha, fundou um jardim de infância em um apartamento. Mais tarde se mudaria para uma casa pequena de sua família onde havia um amplo jardim. Aos poucos foram conseguindo apoios e reconhecimento, tanto no Brasil quanto na Alemanha. Com a clientela crescendo, foi necessário alugar mais casas, ampliando a oferta para o ensino fundamental e também para o médio. Por fim, conseguiu o local em que hoje se encontra a escola, por definitivo. Após anos de luta em prol da educação, um grande legado se estabelece, tornando-se uma escola de encontro entre duas nacionalidades: a brasileira e a alemã.

De acordo com as palavras da direção escolar:

Helle Tirler foi uma mulher empreendedora, que perseguiu seu sonho de preservar a língua e cultura alemãs, para as gerações vindouras, e

oferecer-lhes um ensino moderno e holístico. Esse fundamento sobreviveu a todas as mudanças, tanto físicas quanto estruturais, e continua em pleno vigor nos dias atuais. Sim, podemos afirmar com convicção, que a Escola Alemã Corcovado é hoje caracterizada muito mais pelo seu caráter de encontro do que se poderia imaginar em seus primórdios. Assim ela leva às conclusões brasileiras e alemãs jovens que, em sua maioria não têm raízes familiares na Alemanha. Dessa forma, ela constrói uma ponte entre as culturas e contribui para o aprofundamento das relações entre o Brasil e a Alemanha (livro do jubileu da Escola Alemã Corcovado, p. 6).

1.2 - A Filosofia Waldorf

A filosofia em que estava pautado o curso de formação que sua vizinha ministrava era a filosofia Waldorf, pedagogia esta também oferecida pela escola em que Helle Tirlir estudava quando criança em Berlim. Tal pedagogia, criada pelo austríaco Rudolf Steiner, em 1919, tem como filosofia a autonomia do aluno, a utilização do corpo em atividades, o brincar e as artes como objeto de desenvolvimento harmônico do “eu” para consigo e para a sociedade, para a construção de um ser crítico-social desde a tenra infância e objetivando uma evolução física, emocional e espiritual do ser humano. Como diz Cichocki, em seu artigo *É tempo de brincar: pedagogia Waldorf*:

A Pedagogia Waldorf deseja alcançar o desenvolvimento integral das crianças, no entanto, evidencia que devem ser respeitadas as características e necessidades de cada fase da vida. Com esse pensamento, acredita que a criança deve transpassar em harmonia em cada uma delas (CICHOCKI, 2017, p. 15387).

Ainda hoje, no projeto pedagógico da escola, se vê que há uma estrutura que atua em unidade para que estes objetivos sejam alcançados: sejam os profissionais da escola (docentes; profissionais de outras áreas como psicólogos, pedagogos, recursos humanos etc.) ou a família e os próprios alunos, sendo agentes do próprio desenvolvimento. Helle Tirlir, em sua época, desenvolvia atividades que, ainda hoje, continuam sendo bem-sucedidas pautadas nesta pedagogia.

O corpo é educado por meio de atividades práticas como jardinagem, marcenaria, construção, ginástica, trabalhos manuais, entre outros. A educação do corpo, tal como é praticada nas Escolas Waldorf, fortalece também o caráter da criança, pois desenvolve a sua força, criando nela qualidades como a disposição para enfrentar dificuldades e a perseverança.

As emoções são trabalhadas por meio da arte: música, canto, desenho, pintura, teatro, recitação, escultura e cerâmica. Por meio da expressão artística, são dadas muitas oportunidades para o refinamento da sensibilidade, e a harmonização de conflitos na área afetiva e social.

A mente é educada por meio da transmissão do conhecimento de forma balanceada e adequada à idade do aluno. Nas Escolas Waldorf busca-se cultivar o sentimento de admiração que as crianças têm em relação à natureza e ao mundo como forma de manter vivo o seu interesse em aprender. Arte e atividades práticas são também instrumentos e serviço das matérias acadêmicas (CWBH *apud* CICHOCKI, 2016, p. 15394).

Geralmente por meio da expressão artística, o professor tenta trazer os aspectos do corpo, alma e espírito que estão em desequilíbrio, de volta ao equilíbrio. Isto não é um método exclusivo, mas com certa frequência é usado com o intuito de, enfatizando aqueles elementos de cor, movimento, forma e som, ir ao encontro de áreas não exploradas pelas crianças. Durante este processo, a criança é ajudada a desenvolver autoconhecimento e autoestima, tornando-se mais capaz de desenvolver relacionamentos sociais significativos, para, posteriormente, ser apresentada aos conteúdos das principais áreas do currículo escolar. Assim O objetivo principal é que cada criança atinja todo o seu potencial. Por meio da imaginação e criatividade dos professores, os conteúdos são assim apresentados artisticamente e por experiência direta, geralmente através de histórias, dramatizações, poesia, pintura, movimento, música e projetos práticos.

Os alunos são, em todos os momentos, encorajados a serem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem e a terem voz e vez, tomando iniciativas práticas que os façam sentir tão responsáveis quanto os demais agentes do processo. Quanto mais envolvidos com as tarefas eles estiverem, quanto mais profundo for o contato dos alunos com as atividades de cada aula por maneiras interacionistas e lúdicas, mais a aprendizagem acontecerá de forma espontânea.

1.3 - A Educação Musical Segundo Helle Tirler

Em se tratando de educação musical, Helle Tirler era muito próxima das atividades artísticas, tanto que fora uma das difusoras do ensino da flauta-doce no Brasil, colaborando com publicações muito importantes e bastante utilizadas por educadores musicais até os dias de hoje. Segundo sua história, conta-se que ela “passou a tocar flauta doce em um grupo de música antiga da cidade” (RJ) e foi “graças a isso que travou contato com Frederico Tirler, um comerciante apaixonado por música que viria a ser seu marido, cedendo-lhe o sobrenome com o qual ficaria conhecida” (livro do jubileu da Escola Alemã Corcovado, p. 30).

Como legado de sua fundadora, ainda hoje a prática musical tem um forte papel no desenvolvimento dos estudantes da escola.

Exigente e dedicada, ela formou um coral de alunos que chegou a gravar um disco, fazer participações em programas de TV e vencer diversos concursos escolares consecutivos, dando projeção à instituição. Especialmente interessada por educação artística, Helle Tirler fez de tudo para que essa área tivesse lugar de destaque na Escola — algo que, na época, era raro no ambiente educacional brasileiro. [...] Helle também acreditava que toda criança era capaz de desenvolver habilidade para a música, desde que fosse estimulada e apoiada da maneira adequada (livro do jubileu da Escola Alemã Corcovado, p. 38-39).

Atividades como Shows de Talentos e o Dia da Comunidade (festa de culminância com várias atrações artísticas) são estimuladas para esta re-centralização do indivíduo pautada na filosofia “waldorfiana”: fazer com que o ser humano mantenha equilíbrio entre corpo, mente e espírito, ampliando a sensibilidade e melhor conhecimento de si e do mundo.

Com toda esta importância da música, além de presente nos anos iniciais das crianças e permeando todo o percurso escolar do aluno, muito mais presente se faz na vida dos alunos de inclusão, que, necessitados de práticas educativas especiais, recebem esta aula de maneira mais diretiva. De igual forma, eles são inseridos e participativos em todas as apresentações.

Através da música, diversos benefícios vêm sendo demonstrados pela ciência. Para além das habilidades cognitivas, os educadores musicais se deparam com benefícios sociais e comportamentais promovidos pela prática musical, na maioria das vezes coletiva. Tomemos como exemplo o ensino da flauta-doce nas aulas, em que há o estímulo do trabalho em equipe, do fazer musical em conjunto, da escuta do outro, do tocar igual aos pares em busca de um objetivo maior etc. De certo modo, a cidadania é estimulada e a integração entre os diferentes também.

1.4 - O Autismo na Escola Alemã Corcovado

Nota-se um eficaz esquema de assessoramento aos alunos de inclusão em geral, desde alunos com TDAH², TEA³, Paralisia Cerebral, Síndrome de Down, etc. No entanto, alunos com autismo necessitam de maior auxílio por seu maior grau de comprometimento com a área da comunicação. Vemos que uma escola dita inclusiva toma as devidas providências, pensando nestes alunos que chegarão às dependências da instituição de ensino e, estando tudo preparado, uma sadia educação de qualidade poderá ser oferecida para o proveito de todas as partes, incitando de igual modo um sadio desenvolvimento.

O êxito do programa de inclusão não só é visto pelos que na escola circulam diariamente como também é reconhecido pelo exterior, sendo premiada na Alemanha pelo seu primoroso trabalho inclusivo, convencendo assim o júri de seu conceito de inclusão com profissionais extremamente capacitados. Como exemplo tem-se uma premiação do projeto de inclusão desta escola concedida em 2014. Ela participou e foi premiada com o primeiro lugar no âmbito, promovido pela Zfa, órgão este responsável pelas escolas alemãs no exterior. Em 2015 a escola recebeu mais uma vez um prêmio de destaque na 2ª edição deste mesmo concurso.

Ainda de acordo com o site oficial da referida escola, temos uma noção das diretrizes na área da inclusão visando o êxito da mesma. Esta escola recebeu

² Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

³ Transtorno do Espectro Autista.

em 2007 a primeira criança com necessidades educativas especiais e, como quase todos os alunos da escola, esta criança também iniciou seus estudos escolares na Educação Infantil. Nos dias atuais, todos os segmentos escolares contam com a presença de alunos com necessidades educativas especiais.

Este trabalho de inclusão se baseia no entendimento de que, ao longo da escolaridade, qualquer aluno pode vir em algum momento precisar de apoio individualizado em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências. Deste modo, os alunos com necessidades educativas especiais são atendidos por diferentes equipes de profissionais e de acordo com suas necessidades ou diagnósticos.

São considerados alunos com necessidades educativas especiais:

Alunos em Situações Especiais: Alunos que precisaram se ausentar da escola por um período mais longo em função de doenças ou internações hospitalares, alunos que fazem a mudança entre ramos de ensino, alunos recém-chegados do exterior, entre outros.

Alunos com Adaptações: alunos com diagnóstico ou em processo de avaliação dos chamados Transtornos Funcionais, como dislexia, disculalia, disortografia, TDA(H) etc.

Alunos em situação de Inclusão: alunos com deficiências de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, alunos com diagnóstico de transtorno do espectro autista, alunos com altas habilidades/superdotação (Site oficial da Escola Alemã Corcovado).

Tendo este entendimento, vemos que os alunos em situações especiais são acompanhados, em primeira linha, pela Equipe de Orientação Educacional. Já os alunos com adaptações ou em situação de inclusão são acompanhados pelas profissionais do Setor de Inclusão que, em cooperação com os professores e a equipe de Coordenação Pedagógica, elaboram materiais adaptados ou diferenciados, currículos e Planos de Desenvolvimento Individualizado e formas alternativas (adaptadas ou diferenciadas) de avaliação.

Estas informações⁴ servem para nos dar um breve panorama sobre a escola em questão, sua visão e seu desempenho diante de toda a comunidade.

⁴ Disponível em: <<https://www.eacorcovado.com.br/home/inclusao-na-escola-alema-corcovado>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

As crianças com necessidades educacionais especiais são tratadas como qualquer outra criança, partindo do pressuposto de que todas são especiais, sem exceção. Sabe-se que os desafios são muitos e que todas as crianças detêm este direito de serem assistidas em suas dificuldades, particularidades e defasagens. Como foco desta pesquisa qualitativa, teremos os desenvolvimentos particulares de três alunos diagnosticados com TEA em experiências vividas pelo pesquisador atuante nesta escola como mediador nas aulas de música. Esta arte (a música) caracteriza-se como um instrumento e o pesquisador, um mediador/facilitador entre o conhecimento (musical) e os discentes.

CAPÍTULO II: AS TEORIAS E AS EXPERIÊNCIAS

O estudo exploratório qualitativo em questão, em se tratando de um relato de experiência, abordará aqui alguns conceitos que darão suporte às situações que serão citadas, situações estas que aconteceram no período entre 2016-2017 na Escola Alemã Corcovado com três alunos autistas nas aulas de práticas musicais compreendidas neste período. Para fins de referência aos alunos, trataremos deles por números, considerando o ao grau do transtorno: o mais brando será o “1”, o mediano será o “2” e, por sua vez, o de grau mais severo o “3”.

2.1 - Afetividade

O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 105).

Todos nós, quando nos sentimos seguros, quando sentimos empatia por outras pessoas, somos mais receptivos a coisas novas, diferentemente de quando somos obrigados a fazer o que não queremos ou quando o “clima” (meio) não é agradável. Na caminhada do saber, isto é visto e sentido quando não simpatizamos com o professor, quando o meio não nos agrada e por diversos outros fatores. Quando o meio é propício para a aprendizagem e as pessoas engajadas para tal se dispõem a manter um ambiente agradável, as coisas fluem naturalmente. Da mesma forma acontece com alunos inclusivos.

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto (VYGOTSKY *apud* SILVA, 2008, p. 138).

Ao se estabelecer uma relação de contato, confiança e reconhecimento de ambas as partes, o processo ensino-aprendizagem se torna mais interessante, gerando uma maior motivação, não separando intelectual do afetivo. Vemos isto na afirmação a seguir:

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador (PAULA; FARIA, 2010, p. 2).

Como aluno de licenciatura em música, estagiei na Escola Alemã Corcovado, e me deparei com estes alunos inclusivos. Conhecedor das técnicas de musicalização e após ter cursado a disciplina Educação Especial na universidade, me senti de certa forma em condição para colocar em prática o que havia eu aprendido até então. A aprendizagem que se tem na prática é sem sombra de dúvidas muito maior do que na teoria, contudo, unindo as duas a seu favor, como pressupõe a práxis, um profissional melhor surge quando se está disposto a aprender com os educandos, e refleti sobre a maneira para desenvolver aquele trabalho. O desempenho dos alunos melhorava a cada vez que mantínhamos contato mais próximo neste trabalho.

Os encontros se davam na sala de aula com a turma. Um ambiente caótico com muitas informações sonoras que faziam com que os alunos com TEA logo se desorganizassem. A partir do momento em que foi sugerido, em duas aulas semanais, fazer uma das aulas em separado comigo e a outra, juntando com a turma e o professor, o rendimento melhorou para todos eles. Este melhor rendimento se deu principalmente em função da atenção exclusiva ao ter um profissional especializado em música atuando como mediador. A aula com o professor permitiu, além da proximidade, que houvesse troca de afeto e melhor conhecimento musical, o que possibilitou me reconhecer como facilitador da aprendizagem, aumentando assim a maturação/prazer de ir para a aula de música, uma vez que os encontros eram sempre lúdicos. Fato este facilmente ilustrado por uma situação onde em alguns dias o aluno “3”, sabendo por si só que após

determinada aula a próxima seria a de música⁵, pegava a foto do estagiário mediador desta disciplina e levava para suas mediadoras⁶, como quem diz: “Oba, aula de música. Não via à hora!”.

PAULA e FARIA (2010) constata em seu resumo que:

Para haver aprendizagem deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade. Para isso precisamos da família e do lúdico, pois é a através do lúdico que podemos ensinar com afeto (p.1).

Pude perceber em minha própria experiência que tal afirmação se manifestava como verdade. As trocas de afeto com os alunos permitiram que laços fossem construídos e que as barreiras existentes entre duas pessoas fossem sendo aos poucos quebradas, estabelecendo assim um senso de confiança e cumplicidade. O contato com a família para saber como o aluno se comporta, quais são as informações clínicas, entre outras coisas, são alguns dos passos primordiais a serem dados por aqueles que terão como função a mediação. A presença do contato, da ludicidade, do estímulo são coisas que muito facilitam a interação e criam uma ligação afetiva em ambas as direções. A afetividade é, de certo modo, um recurso facilitador para se trabalhar e manter a harmonia no ambiente escolar.

Dentro da abordagem Democrática, a afetividade ganha um novo enfoque no processo de ensino e aprendizagem, pois se acredita que a interação afetiva auxilia mais na compreensão e na modificação das pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente (PAULA; FARIA, 2010, p. 3).

Ao se envolver na aprendizagem, o aluno terá prazer em estar na sala de aula e da mesma forma em aprender. Em se tratando de alunos com necessidades especiais, será algo prazeroso e, de certa forma, terapêutico perceber-se com

⁵ Para melhor auto-organização dos alunos com TEA, cada qual tem uma rotina a seguir que lhes é previamente apresentada referente às atividades que serão feitas na escola naquele dia.

⁶ Cada aluno com necessidades educacionais especiais contam com dois mediadores que preparam materiais simplificados das aulas, auxiliam na aprendizagem, os acompanham nas aulas e os auxiliam em assuntos gerais, como ir ao banheiro, almoçar, entre outros.

melhor desempenho a cada encontro. Desta forma, o desenvolvimento cognitivo e motor serão uns dos resultados atingidos pelo ensino da música quando ministrado por um facilitador capacitado.

A afetividade só é estimulada através da vivência, na qual o professor-educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do educando e a ludicidade, em parceria, é um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo do aprender, quando há um aprendizado de fato (PAULA; FARIA, 2010, p. 7).

Não adianta o aluno tentar se aproximar se, por sua vez, o professor não tomar esta iniciativa ou não se permitir se envolver. Ao conhecer o aluno, o profissional da educação terá mais ferramentas para poder trabalhar, atuando de fato como facilitador do conhecimento, uma vez tendo ciência de suas dificuldades, habilidades, interesses, etc. Muitas vezes um caminho utilizado para deixar a aula mais divertida e interessante era assistir vídeos da Galinha Pintadinha, onde o aluno “2” se sentia muito bem ouvindo e cantando (e até dançando). A aula começava e terminava muito bem se em algum momento fosse acordado entre nós que ao longo da estrutura da aula haveria o momento da Galinha Pintadinha. Abre-se aí uma oportunidade para trabalhar alguns conteúdos musicais, como som e silêncio (se pensando que no som deve-se dançar e no silêncio, ficar parado), pulsação (tocar um instrumento ou bater palmas no pulso da música), entre outros. Estas atividades dependerão de quanto o professor está aberto à inovação, envolvendo-se com o aluno e, o conhecendo melhor, trabalhar epistemologicamente em cima de seus interesses, ou seja, com os conhecimentos técnicos e dos gostos dos alunos, pode-se trabalhar os conteúdos propostos pelo programa pedagógico.

2.2 - Mediação

Mediadores constituem algo que se coloca entre A e B. Mediação é, portanto, um termo que se refere à existência de algo cuja função é permitir estabelecer uma relação entre duas ou mais coisas. Só é possível conhecer as coisas — e suas propriedades — porque elas se

revelam por meio da interação que mantêm entre si (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p.65).

Ser mediador é uma tarefa de responsabilidade, haja vista que quem se predispõe a tal tarefa tem como função mediar algo ou alguém, atuando assim como ponte entre dois pontos. Todas as pessoas têm, em maior ou menor grau, necessidades especiais. Em se tratando de escola, toda criança é especial, contudo, umas necessitam de acompanhamento mais de perto do que outras por terem cada uma maior ou menor grau de autonomia. No âmbito da inclusão de alunos com TEA, exige-se muito mais responsabilidade por fatores estes que já conhecemos, tais como dificuldade de comunicação, interação, comportamentais, motoras, entre outras. Reitera-se aqui a necessidade de se conhecer o aluno que será acompanhado pela mediação, informando-se sobre os estados clínicos e gerais.

Tendo ciência destes tópicos, entendendo os pontos fortes e principais necessidades para se poder trabalhar, o dito mediador atua ativamente em colaboração com a escola para que o aluno atinja os objetivos propostos pelos professores, pelo (PPP) ou pelos especialistas das outras áreas, como psicólogos e profissionais da área médica, todos trabalhando e atuando para o mesmo fim: a obtenção de um crescimento e desenvolvimento cognitivo-motor de qualidade.

Um dos sonhos de uma professora-regente de música da Escola Alemã Corcovado era que seus alunos com TEA aprendessem a tocar o instrumento flauta doce, bem como todos os alunos de sua classe. Como, pois, ensinar flauta doce para um determinado aluno especial tendo em mãos uma turma de 30 crianças para ensinar e lidar pedagogicamente? Olhando por esta perspectiva, a “docência compartilhada⁷” é de certo modo a saída mais sensata que se encontra para tirar parte do peso imposto sobre os ombros do professor-regente nestas horas e em outras onde uma ajuda será sempre bem vinda de profissionais que tenham formação e conhecimento no assunto para auxiliar com qualidade.

⁷ [...] encontramos, de modo geral, a ideia da docência compartilhada entendida como agrupamento de turmas com a divisão de trabalho entre dois professores; trabalho compartilhado entre um professor generalista e um especialista visando a inclusão social; atuação de dois professores em uma turma com “necessidades especiais”; pedir ajuda ou fornecer ajuda em busca de soluções a partir da realização de tarefas conjuntas; aprendizado de acadêmicos desenvolvido junto à professora auxiliar; projetos que visam inserir alunos em turmas regulares com a atuação de mais de um professor (CALDERANO; PIRES; PRETTI, 2017, p. 20628).

Com a chegada de um profissional formando em Música e com alguns conhecimentos na área de inclusão, o seguinte sonho tornou-se possível: após dois anos de intenso trabalho, dois dos três alunos incluídos com TEA (o “1” e o “2”) aprenderam a tocar flauta doce e puderam tocar juntos com suas turmas nas apresentações de fim de ano. Antes, por não saberem tocar o instrumento, eram colocados para participarem nas apresentações tocando algum instrumento de percussão, e hoje, já podem tocar cada um em conjunto com sua turma músicas simples no instrumento musical que toda a classe toca, sem distinção de pessoas. Preparar o aluno, preparar o ambiente e inseri-lo no contexto é o trabalho que a inclusão pressupõe e foi naquele feito naquele lugar com aquelas crianças com necessidades especiais. Porém, deve-se deixar bem claro que, muito embora a importância deste profissional especializado em Música e Inclusão seja de extrema necessidade para o melhor desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos com de necessidades educacionais especiais, permitindo a melhor adaptação dos mesmos. Este mediador escolar “não pode ser visto como um professor particular do aluno e sim como um profissional que vai ajudar a inclusão do aluno com deficiência” (FERREIRA, 2015, p. 3). Do contrário, a segregação estará presente do mesmo modo, ainda que encoberta pela premissa da inclusão.

Atuar como mediador requer destrezas gerais e particulares (no caso, do universo da inclusão e da música). Se tratando das particulares (que é o que aqui estamos tratando: do musical), é de suma importância que este profissional que atuará como facilitador do conhecimento em música de fato facilite o processo, gerando atividades, estratégias e materiais adaptados, visando o mesmo sucesso que todos os outros alunos. Em se tratando dos colegas de classe, incitar a aproximação e empatia entre os pares é fundamental para, estimulando o senso de humanidade, as crianças terem conhecimento de que o outro é diferente e que o próprio “eu” tem a função de tolerar e ajudar o diferente.

Vê-se o exercício da cidadania em vários momentos escolares. Estimular estes momentos é *sine qua non*.

Não se pode perder de vista que o objetivo maior do mediador escolar é promover o desenvolvimento da criança, que precisa de um suporte

adicional no ambiente natural de aprendizagem. Portanto, posturas de superproteção ou a atuação como cuidador são ineficientes e não condizem com a proposta da mediação. O profissional deve, sempre em parceria com o professor, saber quando o apoio deve ser mais diretivo, a hora que deve se afastar visando à autonomia. É importante também saber identificar o momento em que um outro aluno pode ser incentivado a assumir momentaneamente esse papel (MOUSINHO et al, 2010, p. 103-104).

Os autores continuam seu discurso citando uma grave problemática que também se deve evitar por parte da escola e dos profissionais de Recursos Humanos (RH), visando não abalar os aspectos psicológicos e emocionais das crianças, principalmente de alunos com TEA, pois a questão da afetividade surge aqui e se conecta ao senso de confiança.

Outro problema ético considerado grave nesta relação é a saída do profissional antes do fim do ano letivo. Mudanças constantes de mediadores escolares trazem prejuízos importantes para o desenvolvimento da criança que precisa de um vínculo estável nesta função, como também desorganiza o ambiente escolar. O mediador não pode esquecer que também há vínculos criados com os demais alunos da turma, que ele faz parte da rotina deles. Assumir a mediação é assumir um ano letivo de trabalho, já que o seu desligamento pode provocar uma recusa da escola em aceitar submeter toda a turma à adaptação de um novo adulto em sala de aula, o que comprometerá o desenvolvimento da criança, a relação da família com a escola e da família com os outros pais de alunos (MOUSINHO et al, 2010, p. 104).

Esta ligação emocional dos alunos para com os profissionais que atuam no ambiente escolar (mediadores e facilitadores do processo ensino-aprendizagem) é de grande relevância em se tratando da facilitação da mediação e do acolhimento por parte dos alunos mediados em serem abertos à intervenção de terceiros. Ao assumir este importante papel, o profissional que disporá a executar tal tarefa deve além de ser especialista nas áreas aqui propostas (Música e Inclusão) ser sociável e compreensivo. Acompanhar alunos com necessidades especiais desde o início do ano letivo até o final pressupõe olhar de perto o desenvolvimento destes e ajudar na organização dos mesmos, visto que o troca-troca de pessoas ao redor deles os desorganiza, tal qual mudar uma tarefa na rotina diária sem os informar em primeiro lugar.

2.3 - Interação Professor-Aluno

Na interação professor-alunos, supõe-se que o primeiro ajude inicialmente os segundos na tarefa de aprender, porque essa ajuda logo lhes possibilitará pensar com autonomia. Para aprender, o aluno precisa ter ao seu lado alguém que o perceba nos diferentes momentos da situação de aprendizagem e que lhe responda de forma a ajudá-lo a evoluir no processo, alcançando um nível mais elevado de conhecimento. Por meio da interação que se estabelece entre eles e esse parceiro mais experiente e sensível [...], o aluno vai construindo novos conhecimentos, habilidades e significações (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 113).

Esta interação é uma via de mão dupla que, por sua vez, incita o aprendizado de ambas as partes. Não só o aluno é beneficiado, mas o docente também aprende e aperfeiçoa suas didáticas, repertórios e experiências, uma vez que cada pessoa é única. No entanto, casos similares com indivíduos podem acontecer. O professor que mantém uma relação profunda com seus alunos individualmente tanto facilita este processo de ensino-aprendizagem quanto obtém um auto-crescimento enquanto pedagogo.

Saber trabalhar com diversas personalidades é um imenso desafio e, em se tratando de mediação e TEA, muito mais por diversas vezes os alunos não serem oralizados ou apresentarem ecolalia⁸, o que dificulta a comunicação.

Para que a interação professor-alunos possa levar à construção de conhecimentos, a interpretação que o professor faz do comportamento dos alunos é fundamental. Ele precisa estar atento ao fato de que existem muitas significações possíveis para os comportamentos assumidos por seus alunos, buscando verificar quais delas melhor traduzem as intenções originais (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 106).

Só o contato constante com os alunos e a vivência diária possibilitará o conhecimento aprofundado dos discentes, dos seus jeitos, das suas vontades, dos seus pensamentos. Esta socialização aprofundada permitirá ao profissional da

⁸ Repetição precisa de sons ou palavras emitidas por terceiros.

educação interpretá-los e compreendê-los melhor, facilitando o processo de criação de atividades e materiais didáticos ao pensar no que determinados alunos precisam, como reagem, se têm aversão a algo ou preferência. Ler os alunos (pessoas) é mais importante do que ler livros (não descartando a ajuda sempre bem vinda das literaturas agregadoras). DAVIS e OLIVEIRA (2010) afirmam que:

Na troca de influências que então acontece, o professor procura entender, a cada momento, os motivos e dificuldades dos aprendizes, suas maneiras de sentir e reagir diante de certas situações, fazendo com que as interações em sala de aula prossigam de modo produtivo, superando obstáculos que surgem no processo de construção partilhada de conhecimentos (p. 114).

Ir ao encontro do aluno, com sua realidade, se colocar no lugar dele para poder compreendê-lo melhor, estas são tarefas de um educador/mediador-facilitador eficaz. Quanto mais próximo do discente o docente for, mais esta interação agregará para os dois, mais a caminhada do saber se tornará prazerosa e mais simples se tornará todo o processo.

Com base em todo este conhecimento do aluno e interação com ele, no que desrespeito ao Transtorno do Espectro Autista, o mediador tem por finalidade criar situações para que a aprendizagem venha a acontecer em sua forma mais natural.

Os alunos “1” e “2” desta pesquisa são acometidos por um fenômeno auditivo chamado “ouvido absoluto”. Isto significa que eles conseguem reconhecer a altura absoluta dos sons musicais e reproduzi-los, grafá-los ou executá-los em um instrumento musical sem antes terem uma referência, pois uma imagem interna é criada. Com esta informação pretendo aqui exemplificar que um dos exercícios propostos pelo professor regente de música e eu (mediador) foi cantarolar notas musicais que eles conheciam para que eles assim escrevessem no papel. A partir do momento em que nós cantávamos uma determinada nota que não era do conhecimento deles, eles ficavam agitados. Este desequilíbrio é de extrema importância, se pensando que ao apresentarmos o nome daquela nota

nova para eles (ou mais de uma), ela passaria a se agregar ao repertório cognitivo de alturas sonoras definidas de ambos e por sua vez o equilíbrio que orna o processo do conhecimento se tornaria um fato real de êxito, como assim aconteceu para ambos. Uma vez agregadas internamente, poderiam usá-las para outros fins, como na musicalização na flauta doce, no teclado, xilofone, entre outros instrumentos musicais, por exemplo.

2.4 - Ambiente Musical

Para que a aprendizagem ocorra é preciso, portanto, que se considere a nossa natureza dos estímulos presentes na situação, tipo de resposta que se espera obter e o estado físico e psicológico do organismo (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 40).

Certa vez fiz um trabalho específico com um dos alunos, para ser mais exato, o aluno “3”, justamente por este não ser oralizado e ter um grau de autismo mais severo. O coloquei centralizado ao redor de mesas que, sobre elas, dispunham de diferentes instrumentos musicais, dentre os quais com alturas definidas (teclado, xilofone, metalofone) e indefinidas (bongô, caxixi, e outros instrumentos de percussão). Com essa situação, queria eu estimulá-lo com diferentes timbres e alturas musicais, chamando sua atenção para as “cores” que cada um emitia e que cada qual tinha sua particularidade. Eu rodeava ao redor da mesa tocando os instrumentos aleatoriamente (porém com uma lógica musical) e ele, sorrindo e se divertindo, reconhecia os timbres e sons de cada um, também tocando os instrumentos que antes fora tocado por mim, repetindo os mesmos ritmos propostos ou notas.

Partindo desta experiência citada, defende-se aqui o argumento de que os “contextos que colocam desafios às crianças são potencialmente mais estimulantes para o desenvolvimento cognitivo” (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 54). Naquela questão, o desafio era reconhecer os sons e reproduzir os ritmos mostrados nos instrumentos apresentados (quando instrumentos de alturas indefinidas) e o mesmo processo com os instrumentos de alturas definidas, em reconhecer e executar alturas sonoras (notas musicais) diferentes. Nas aulas

seguintes, instrumentos distintos eram trabalhados com ele em músicas que a turma dançaria, tocaria ou cantaria. Muitas das vezes, ele próprio já ia em direção aos instrumentos que corriqueiramente usávamos e também recorria aos de sua preferência, demonstrando vontade própria e interação com o mundo exterior.

Certamente muitas escolas não terão tantos instrumentos musicais assim à disposição, então, cabe ao profissional da educação (musical) dar asas à imaginação e, juntamente com a escola, ao dispor recursos, criar meios para que os fins musicais sejam alcançados e assim os alunos com necessidades educacionais especiais se desenvolvam musicalmente. Davis e Oliveira (2010) defendem a seguinte visão:

Um dos maiores desafios com que a escola se defronta é resolver de forma efetiva uma das suas principais metas: a de propiciar aos alunos a possibilidade de realizar, com os materiais e os meios disponíveis, algo que ainda não tenha sido feito, ou de fornecer condições para que aquilo que já foi feito seja visto ou refeito a partir de uma nova perspectiva. Não se quer, assim, que a escola atue apenas como reprodutora de conhecimentos ou de técnicas já desenvolvidas. Ao contrário, é preciso que a criação — seja ela científica, seja ela artística — tenha lugar no espaço escolar (p. 111).

Esta renovação da aprendizagem é também função do mediador da educação musical, visto que ele tem condições de adaptar situações para a realidade que ele encontrar nas escolas, juntamente com os professores de música, sendo auxiliar deles. As crianças atingirão níveis muito mais elevados se ao seu redor existirem materiais disponíveis para trabalhar suas aptidões e, de fato, a existência deste profissional especializado em música e inclusão se faz necessário para o desenvolvimento de atividades, “desafogamento” do professor de música que necessita dar atenção a um quantitativo de alunos ao mesmo tempo em que reparte a atenção com os alunos de inclusão, auxílio escolar em se dispor a colaborar com o PPP⁹ da escola e evitar que os alunos sejam abissalizados, entre outras coisas.

⁹ Projeto Político Pedagógico.

Para que a aprendizagem ocorra, é necessário organizar as condições, mantendo sempre a clareza dos objetivos que se almeja. Preparar o meio, trabalhar interdisciplinarmente e ir de encontro ao aluno, são essas algumas das tarefas a se fazer para promover a completa inclusão dos alunos que a cada dia são segregados pelas condições que são a nós impostas, dificultando o trabalho de todos.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta etapa, teremos em mãos questionários que foram aplicados aos mediadores de cada um dos alunos com TEA e analisaremos tanto as questões quanto os resultados obtidos, concatenando com os fatos descritos no capítulo anterior e seus respectivos efeitos com cada um. Relembrando que cada aluno com necessidades especiais (na escola analisada) tem em seu auxílio dois mediadores que lhes dão o suporte necessário para o desempenho escolar. Dos 6 mediadores, 4 responderam ao formulário elaborado para eles em relação aos seus mediados.

3.1 - O Formulário

Para fins de anonimato de todas as partes envolvidas, os mediadores, no preenchimento do formulário, concordaram em responder claramente as questões nele contidas para fins acadêmicos. Assim como os alunos com TEA, trataremos aqui dos mediadores de “A” a “D”, respeitando a ordem de aparecimento com base na data do preenchimento do formulário¹⁰.

A primeira questão teve por título “*Qual a sua formação (Academicamente falando)?*”. Os mediadores “A”, “C” e “D” são formados em Pedagogia e o mediador “B”, em psicologia. Ter conhecimento de suas respectivas áreas de atuação é de suma importância para, ao analisarmos as respostas, termos uma breve reflexão e noção da origem e desenvoltura de seus argumentos, visto que a experiência pedagógica e os olhares são específicos de cada um à luz de suas próprias formações acadêmicas.

A segunda questão teve por título “*Qual(s) aluno(s) você mediou?*”. Os mediadores de “A” e “D” mediarão o aluno número “1” (acometido por um autismo de grau mais brando), o mediador “B” mediou o aluno número “3” (acometido por um autismo de grau mais severo) e o mediador “C” mediou o aluno número “2” (acometido por um autismo de grau moderado). Tendo

¹⁰ O formulário em questão foi desenvolvido na plataforma digital < <https://www.jotform.com/>>.

conhecimento destes dados, podemos agora ter ciência a quem eles se referem em seus discursos em resposta às questões propostas no formulário.

A terceira questão teve por título “*Para você, qual é a importância da música para o processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem?*”. Foi pedido para cada um responder com suas próprias palavras. O mediador “A” responde:

A música é um instrumento pedagógico que desperta nos alunos interesse e criatividade. Com certeza, a música é importante para a formação dos alunos e construção do sujeito. Percebe-se que nas aulas de música os alunos usam habilidades que talvez sejam travadas ou impedidas na sala de aula e no dia a dia da escola. Considero a música essencial para os alunos! (Resposta cedida em 01 de Julho de 2018).

Com este discurso, percebemos claramente que, com sua opinião, o mediador em questão percebe que habilidades necessárias para o crescimento do sujeito são trabalhadas nas aulas de música e, por sua vez, propiciam o melhor desenvolvimento dos sujeitos em contato com tal arte.

O mediador “B” responde:

Acredito que a música, através dos ritmos, pode desenvolver a percepção e tolerância dos alunos. Também acredito que a música pode sim, ser uma continuidade do trabalho pedagógico. Trabalha tempo, números, línguas e entre outros. (Resposta cedida em 08 de Julho de 2018).

Vemos aqui, segundo a opinião do mediador em questão que a música tem a capacidade de trabalhar aptidões que não só serão usadas nos momentos das aulas de música, mas seus efeitos serão reaproveitados em outras disciplinas. Esta interdisciplinaridade é de extrema importância para a defesa da educação musical na escola como matéria ativamente participante da grade curricular, tendo em vista os benefícios por ela gerados.

O mediador “C” responde que a importância “é enorme, pois a partir da música muitas aprendizagens e habilidades podem ser desenvolvidas nas crianças.” (Resposta cedida em 30 de Julho de 2018). Corroborando com seus

colegas, há uma grande taxa de reconhecimento sobre o poder da música em desenvolver habilidades que antes não eram perceptíveis ou se eram, em menor grau.

O mediador “D” responde:

Tanto a música, quanto as artes (plásticas e cênicas) atuam como vivências essenciais na formação do ser humano. Para além do viés acadêmico. Ou seja, são fundamentais e deveriam estar presentes no currículo escolar. Mesmo o indivíduo que acredita não possuir aptidões para tais práticas deveria ter acesso à riqueza contida em suas habilidades competências tão transpassadas pelos conteúdos classificados como "acadêmicos", português e matemática, por exemplo. (Resposta cedida em 13 de agosto de 2018).

Esta forte declaração só ressalta a importância da apropriação da Educação Musical nas escolas (e das mais diversas expressões artísticas também) como instrumento estimulador do “eu” dos alunos e de suas aptidões. Em se tratando de TEA, esta estimulação é sempre muito bem vinda, visto que em todo o momento, sendo criança ou não, a ludicidade tem de estar presente, pois, não trabalhando com princípios abstratos (o som), as atividades estabelecidas em uma aula de música precisam ser previamente pensadas, discutidas e tão palpáveis quanto às artes plásticas (ao se ter folha e lápis de cor nas mãos a fim de se desenhar).

A quarta questão teve por título *“Qual a sua percepção do desenvolvimento musical-pessoal-cognitivo do aluno em questão ANTES da presença exclusiva de um profissional especializado em música para a área da inclusão?”*. Aqui o objetivo é ter uma noção de como os alunos em questão se portavam antes de se ter um profissional da educação musical na área da inclusão, especificamente.

O mediador “A” responde:

O mediador é de suma importância, pois ele conduz o aluno acompanhando e direcionando-o. O aluno em questão, sem acompanhamento, não desfruta da aula como um todo, pois esses alunos precisam de auxílio em diversos aspectos (Resposta cedida em 01 de Julho de 2018).

Com este depoimento, vemos que o aluno por ele mediado, segundo suas palavras, não desfrutava da aula de música em sua totalidade. Citando o que já foi tratado antes, há a problemática do professor de música ter de dar atenção para uma turma inteira e ainda o aluno com necessidades educacionais especiais e, muito embora os mediadores queiram ajudar, eles não dispõem de conhecimentos sólidos na área musical que fariam com que os alunos se desenvolvessem em sua totalidade. Com muito custo e sacrifício, um vocabulário comum seria construído entre professor e mediador, porém a presença de um profissional (mediador) da área específica seria a perfeita peça a muitas vezes preencher essa lacuna que no dia a dia acontece nas aulas de música.

O mediador “B” responde:

O aluno que eu trabalhei, não conseguia, por exemplo, sentar na aula de música e participar. Não tinha consciência corporal e ritmos. Após, percebemos todas essas mudanças e sensibilidade. (Resposta cedida em 08 de Julho de 2018).

O aluno em questão, de grau mais severo, realmente tinha a impulsividade de levantar em momentos aleatórios e fazer qualquer coisa que não fosse o proposto, seja caminhar em todas as direções, seja pegar outros instrumentos musicais, etc. O trabalho com ele, em especial, foi algo feito pouco a pouco em doses homeopáticas. Em certo momento, ele já conseguia tocar junto com a turma, reproduzir ritmos musicais com determinados instrumentos e principalmente concentrar-se durante um longo espaço de tempo em uma atividade, fato que no início era de extrema dificuldade.

O mediador número “C” responde:

Não pude observar, pois quando comecei a medição o aluno já tinha acompanhamento musical, tanto em casa quanto na escola. Acredito que crianças expostas ao aprendizado da música se desenvolvam com mais facilidade e percepção de mundo. (Resposta cedida em 30 de Julho de 2018).

Embora o mediador em questão não tenha acompanhado o aluno de sua oratória, reconhece a atividade musical como favorável ao desenvolvimento dos alunos em geral.

O mediador “D” responde:

No caso do aluno “1”, já percebia-se haver certa aptidão, com pouco desenvolvimento. Não trabalhada, pois os profissionais que o acompanhavam não davam conta da parte musical, por não possuir formação para tal. (Resposta cedida em 13 de Agosto de 2018).

O mediador toca, nesta resposta, dois pontos muito importantes: a percepção da aptidão musical e a intervenção com foco de estimular estas aptidões, almejando fazer a criança crescer e progredir. Como o mediador em questão mesmo comentou, a não formação musical por parte dos profissionais que o acompanhavam era um marco desta impotência de não poder ajudar os alunos devidamente de acordo com seus conhecimentos para o melhor desenvolvimento das habilidades musicais dos mediados. Os trabalhos com artes plásticas e cênicas certamente são menos abstratos do que com as artes musicais, o que dificulta a comunicação entre o professor de música e todas as outras partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

A quinta questão teve por título *“Qual a sua percepção do desenvolvimento musical-pessoal-cognitivo do aluno em questão **DURANTE** a presença exclusiva de um profissional especializado em música para a área da inclusão?”*. O objetivo desta pergunta é, por meio dos olhares dos mediadores, ter uma noção de quais foram suas percepções sobre os comportamentos dos alunos mediados por um profissional capacitado na área, se houve variações para melhor, pior ou até se não houve avanços ou retrocessos perceptíveis.

O mediador “A” responde que “com o auxílio, o aluno pôde se aproximar mais do conteúdo e das aulas e assim, facilitar seu processo de aprendizagem.” (Resposta cedida em 01 de Julho de 2018). A resposta do mediador faz referência ao distanciamento do aluno com as aulas de música, pois as dificuldades dispostas pelo meio (muitas informações sonoras, a incorreta condução de uma atividade musical pelo fato do desconhecimento destas técnicas, entre outras) eram um

impasse para que a aprendizagem sadia acontecesse. Não descartamos aqui que esta aprendizagem possa acontecer ainda em situações como esta, porém em menor grau e com maior dificuldade para ambas as partes.

O mediador “B” responde que “melhoraram os aspectos de percepção e tolerância. Estabeleceu vínculos com mais facilidades.” (Resposta cedida em 08 de Julho de 2018). Em se tratando especificamente deste aluno, os avanços realmente foram mais perceptíveis. Como já mencionado antes, a tolerância do aluno em se concentrar em uma atividade, por um período mais longo de tempo, foi um dado a se considerar. As percepções musicais foram aguçadas de forma que os ritmos eram dominados com mais facilidade e o gosto pelos instrumentos musicais diversos eram cultivados, sem falar na questão da afetividade que fez com que as coisas fluíssem com mais naturalidade.

A dificuldade de não ser oralizado é uma barreira que não deve ser estabelecida e, se for, deve ser quebrada pelos educadores. A ecolalia é um grau acima e, segundo relatos do mediador em questão, teve a forte impressão de, em plena aula de música o aluno ter proferido palavras monossilábicas como “oi”, o que nos deixou a todos nós surpresos por tal avanço. A música, desde o princípio, não perde sua essência terapêutica.

O mediador “C” responde que “ele conseguia focar na aula e se acalmar, caso tivesse passado por algum stress anterior.” (Resposta cedida em 30 de Julho de 2018). O aluno em questão era bastante inteligente musicalmente e, de fato, quando chegava à aula de música em estado de agitação por situações anteriores ocorridas, conseguia se reorganizar por meio do contato musical; seja através do canto, da flauta doce, do piano ou de outros instrumentos musicais, além das dinâmicas lúdicas propostas pelo mediador de inclusão musical.

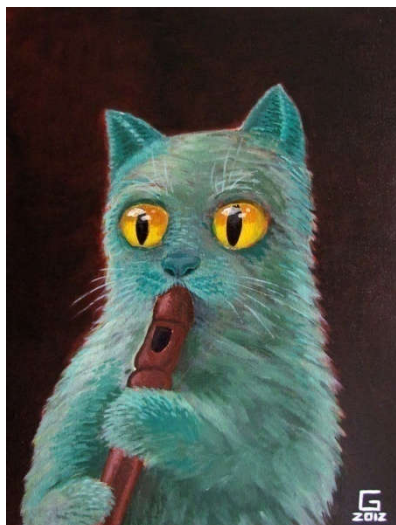
O mediador “D” responde:

A partir do momento que o profissional capacitado para ministrar os conhecimentos musicais adequadamente começou a atuar, o salto em relação ao ensinoaprendizagem musical transpassou o ambiente dessa aula. (Resposta cedida em 13 de Agosto de 2018).

Ou seja, vemos de acordo com esta declaração que o poder interdisciplinar da música é indiscutível. As aptidões adquiridas e estimuladas nesta aula não ficam nela mesma, mas se reutilizam em outras disciplinas. Deduz-se que tais aptidões ficavam retidas enquanto não estimuladas adequadamente. Outras disciplinas não poderiam, assim, desfrutar do potencial que o aluno tinha sem si. Após um trabalho paulatino com o aluno em questão, conseguiu desenvolver-se a tal ponto de ser capaz de tocar flauta doce e reconhecer os sons musicais em suas alturas absolutas, dando seus respectivos nomes, estimulando seu ouvido absoluto e conectando com o conhecimento musical.

A sexta questão teve por título “*Qual a sua percepção do desenvolvimento musical-pessoal-cognitivo do aluno em questão **DEPOIS** da presença exclusiva de um profissional especializado em música para a área da inclusão?*”. Aqui o objetivo é ter uma noção de como os alunos em questão passaram a se portar depois de se ter um profissional da educação musical na área da inclusão, especificamente.

O mediador “A” responde que “o aluno obteve melhoras em sua participação e interesse nas aulas de música.” (Resposta cedida em 01 de Julho de 2018). Realmente o aluno em questão, ao chegar às aulas de música, não atendia aos comandos das professoras de música. Ele desenhava (muito bem, por sinal) no quadro branco ou ia direto ao teclado para tocar melodias que estavam a se ouvir como um *loop* em sua mente. Tanto os desenhos quanto as músicas estavam muitas das vezes relacionadas à Disney. O trabalho com ele foi dividido em etapas. Primeiro a conquista da confiança. Depois, a aproximação por meio da afetividade, indo de encontro com coisas que ele gostava e as utilizando em favor do bom desempenho das aulas de música. Por exemplo, este aluno gostava muito de gatos, então, juntamente com a professora de música, foi-se produzido um material de flauta doce onde o primeiro contato (folha de rosto) era com um gatinho tocando flauta para incentivá-lo a ingressar no instrumento. Já que o gatinho tocava, ele também poderia tocar.



**VAMOS PINTAR O GATO
TOCANDO FLAUTA DOCE?**



Imagens utilizadas como parte integrante do material didático de inicialização à flauta doce para o aluno em questão. A primeira para ilustrar e a segunda para pintar.¹¹

O mediador “B” responde que “houve muitas melhorias, por exemplo, a questão de tempo trabalhada com números.” (Resposta cedida em 08 de Julho de 2018). Ao tocar um instrumento de percussão, deveras se trabalha com números ao contar a pulsação: se os tempos são agrupados de dois em dois (binário), se de três em três (ternário) e se de quatro em quatro (quaternário). A constante utilização destes números e conceitos musicais são todos internalizados, conscientemente ou inconscientemente, quando sentindo no corpo e utilizando os instrumentos musicais para tal.

O mediador “C” responde que “percebi que o aluno se acalmava e conseguia lidar melhor com as outras disciplinas do dia.” (Resposta cedida em 30 de Julho de 2018). Geralmente as aulas de música do aluno em questão aconteciam após o recreio, ou seja, como toda criança que se preze, brincara e correria o bastante pelo pátio. Tendo aula desde as 7h15min da manhã, iria naquele momento (10h) para a aula de música retomar o fôlego e a concentração, sendo uma aula de agrado dele (já que também tinha uma forte aptidão musical e ouvido absoluto), onde seria uma espécie de centro recompositor de si mesmo para o restante das aulas (que iriam até as 13h30min).

¹¹ Primeira imagem acessada em: <<https://www.flickr.com/photos/alma-de-gato/6662939863/>>. Segunda imagem acessada em: <<https://br.depositphotos.com/>>.

O mediador “D” responde:

A presença do profissional exclusivo foi valiosa, produtivo e diferencial na vida desse indivíduo e dos profissionais da equipe. O aluno passou a vocalizar mais e trazer cantos ritmados que o ajudavam a "dar contorno" em momentos de tensão ou desorganização, no caso do autismo. (Resposta cedida em 13 de Agosto de 2018).

Temos aqui um breve testemunho de que não só a vida do aluno foi modificada, mas também os profissionais à sua volta. Os mediadores que o acompanhavam observavam as aulas e também eram convidados a participar. Na verdade, os mediadores de todos os três alunos eram convidados a participar deste processo, seja cantando, dançando ou tocando um instrumento, incentivando e ajudando. Com todo o aparato necessário institucional e de infra-estrutura, o desenvolvimento se torna uma trilha prazerosa de se percorrer.

Como sétima e última questão, temos a mesma pelo título “*Em sua visão, qual a importância do profissional especializado em música para o ensino e desenvolvimento de alunos inclusivos?*”. Aqui o objetivo é (depois de os profissionais observarem todo o processo do *antes-durante-depois* de todo o acompanhamento especializado) obter as opiniões sobre a função do mediador musical.

O mediador “A” responde:

A presença desse profissional é de extrema importância visto que ele faz o acompanhamento do aluno e facilita a aprendizagem o levando em direção de toda riqueza da aula de música. (Resposta cedida em 01 de Julho de 2018).

Ou seja, este profissional realmente tem a importância que tem por atuar como elemento mediador e facilitador, sendo um ganho para os corpos discente, docente e toda a equipe escolar.

O mediador “B” responde “extrema importância. Pois um profissional focado para desenvolver atividades específicas. Hoje não temos esse profissional e percebo a regressão nesses aspectos. (Resposta cedida em 08 de Julho de 2018).

Com esta declaração, percebemos a lástima que é não se ter este profissional especializado que facilitaria a aprendizagem dos alunos de inclusão, colaborando assim para o aumento da segregação e abissalizando mais ainda estes alunos, não os incluindo de fato, muito embora com a premissa de que a integração está sendo feita.

O mediador “C” responde:

É de suma importância, pois quando o aprendizado é focado no aluno, ele consegue desenvolver habilidades e competências para sua formação tanto acadêmica quanto para formação de vida. (Resposta cedida em 30 de Julho de 2018).

E vemos mais uma vez que o papel da educação musical está para além da sala de aula e não se resume meramente às quatro paredes de uma instituição de ensino. Quando temos o aluno como foco, as barreiras são quebradas e descentralizamos o foco do professor, ícone que em outras épocas era visto como mestre autoritário que depositava conteúdo nas passivas crianças. Hoje em dia, as didáticas têm se renovado na medida em que as pessoas vêm se transformando. Temos outro tipo de público tendo como referência 50 anos passados. As abordagens pedagógicas precisam evoluir com o seu tempo e os profissionais da educação também, bem como todas as funções dentro de uma escola.

O mediador “D” responde:

Qualquer escola, que trabalhe com qualquer faixa etária, com crianças ditas de inclusão ou não, jamais conseguirá fazer um trabalho musical satisfatório sem um profissional dessa área. Esse profissional é o especialista. No caso de alunos de inclusão, além da formação musical, esse profissional precisa saber falar a linguagem da inclusão, ou seja, comunicar e se fazer compreendido. Se isso acontecer de maneira sincronizada e regada pela formação correta, a importância desse profissional será enorme para o desenvolvimento desses alunos. A música, com seus ritmos, marcações, instrumentos, notas, vocalizações permeia a vida de todos os seres humanos e dentro dela, conceitos de todas as áreas acadêmicas de encontro, misturam e geram resultados transcendentais que vão para além da formação acadêmica e que sempre agregam valor e geram resultados libertadores para quem entra em contato com ela. (Resposta cedida em 13 de Agosto de 2018).

Com este último depoimento, convencemo-nos de que se é de urgente necessidade a presença deste profissional mediador musical, formado em Educação Musical com relacionamento direto ao campo da Inclusão, tendo em sua formação passagem pela Psicologia da Educação e pela Educação Especial, respectivamente. Capacitado para tal função, este profissional colaborará com todo o ambiente escolar, utilizando seus conhecimento e préstimos à disposição de todos afim de que possa contribuir para o desenvolvimento do corpo discente no ambiente das atividades escolares propostas.

Cabe também aos “Conservatórios¹²” proporcionarem esta formação, do contrário, não serão todos os licenciados em música a serem capacitados a cumprirem tal função. Como disciplina eletiva, a Educação Especial nem sempre é uma das escolhidas pelos licenciandos em Música, muito embora possam em algum momento de sua caminhada vir a precisar destes conhecimentos prévios, porém o grande avanço de se ter esta disciplina na grade curricular, ainda que opcionalmente, já se é notório.

À medida que os trabalhos acadêmicos vão se concluindo e vão se agregando epistemologicamente à área da inclusão, a “ignorância” da não-compreensão sobre o assunto vai sendo desmistificada e a cada contribuição para o meio proporciona tanto à comunidade acadêmica quanto à sociedade mais conhecimento sobre àqueles que precisam ser incluídos em todos os aspectos na sociedade abissal a qual vivemos.

¹² Aqui chamo de “Conservatórios” todos os centros dedicados ao ensino da Música, principalmente as academias ditas Universidades com suas Faculdades de Educação Musical, que é o foco deste trabalho: aos licenciados em música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o percurso com estes três alunos autistas, trabalhando conjuntamente com os professores e profissionais da área de educação e inclusão, percebemos o quão se faz necessário a presença de profissionais capacitados para trabalhar em prol do desenvolvimento de alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente com alunos com Transtorno do Espectro Autista, exemplificando os aqui tratados.

Analisar este percurso à luz dos teóricos aqui abordados nos dá a certeza de que a música tem efeitos positivos nas pessoas, principalmente quando se trabalhada de forma correta, não desassociando o pensamento do afetivo, mas fazendo com que o intelectual e o emocional caminhem de mãos dadas.

Além disso, a disponibilização deste trabalho incitará a produção de materiais acadêmicos sobre o tema proposto e também se abre a possibilidade de criar uma disciplina nas Faculdades de Música na área da Educação Musical onde possam ser tratadas tais temáticas como Música e Inclusão, para que os graduandos possam ter uma base sobre o tema e, quando se depararem com um aluno portador de necessidades especiais, saberem por onde começar e como atuar.

Abre-se também a oportunidade para a criação de vagas de emprego para esta classe de mediadores específicos da área de inclusão musical. Retomando o pressuposto de que todos nós temos necessidades educacionais especiais em algum momento de nossa caminhada pedagógica, a presença deste perito auxiliará no melhor desempenho de todos aqueles que necessitam desta assistência, atuando como facilitador da aprendizagem e, em seu mais amplo sentido, atuando como mediador para uma completa inclusão.

BIBLIOGRAFIA

CALDERANO, Maria da Assunção; PIRES, Bárbara; PRETTI, Fabíola Carla. *Docência Compartilhada: Relato de Algumas Experiências*. In: XIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 2017. *Anais...* p. 20628.

CICHOCKI, Manoela Soares. *É Tempo de Brincar: Pedagogia Waldorf*. In: XIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 2017. *Anais...* p. 15385-15398.

CORRÊA, Maria Angela Monteiro. *Leis e Políticas Públicas - 2ª Parte*. In: Educação Especial, Vol. 1, 5ª reimp. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010, p. 80.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. 3ª edição.

FERREIRA, Thaisa Silva et al. *Educação Inclusiva: Um Estudo de Caso de Autismo e Mediação Escolar*. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO. Rio de Janeiro: UERJ, 2015, p. 3.

MENSCHEN, Denise et al. *1965 - 2015. 50 anos de Encontro, 50 anos de Escola Alemã Corcovado*. Rio de Janeiro: Associação Escolar e Beneficente Corcovado (Escola Alemã Corcovado), 2016.

MOUSINHO, Renata et all. *Mediação Escolar e Inclusão: Revisão, Dicas e Reflexões*. In: Revista Psicopedagogia, Vol. 27, No. 82. São Paulo: Periódicos Eletrônicos em Psicologia, 2010, p. 103-104.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. *Afetividade Na Aprendizagem*. In: Revista Eletrônica Saberes da Educação, Volume 1, No. 1. São Paulo: FAC SÃO ROQUE, 2010, p. 1-2.

SILVA, Elisabeth Ramos da. *As Relações Entre Cognição e Afetividade em LA: A Influência de Vygotsky Nessa Abordagem Temática*. In: SOLETRAS, Ano VIII, No. 15. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2008, p. 138.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. In: Folha Informativa. Disponível em
<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5651:folha-informativa-transtornos-do-espectro-autista&Itemid=839> Acesso em:
10 set. 2018.